



## **Formação de educadores(as) do campo: a experiência do Curso de Especialização em Educação e Agroecologia**

*Training of rural educators: the experience of the Specialization Course in Education and Agroecology*

DIAS, Alexandre Pessoa<sup>1</sup>; STAUFFER, Anakeila de Barros<sup>2</sup>; PRONKO, Marcela Alejandra<sup>3</sup>; RIBEIRO, Dionara<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz (EPSJV/Fiocruz), alexandre.pessoa@fiocruz.br; <sup>2</sup> EPSJV/Fiocruz, anakeila.stauffer@fiocruz.br; <sup>3</sup> EPSJV/Fiocruz, marcela.pronko@fiocruz.br; <sup>4</sup> Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto (MST), dieduc2006@yahoo.com.br

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Educação em Agroecologia**

**Resumo:** O trabalho apresenta o Curso de Especialização *em Educação e Agroecologia*, parceria da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz e da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto/MST, com apoio da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde/Fiocruz. O curso - como estratégia para agir diante de cenários adversos relativos ao avanço do capital na educação e na questão ambiental no território do extremo-sul da Bahia - objetivou formar profissionais das escolas do campo, aprofundando-se as bases teórico-metodológicas que fundamentam as práticas de educação e suas relações com o trabalho e a agroecologia. Pautado na Pedagogia da Alternância e nos fundamentos da Educação do Campo, apresentou 4 etapas de Tempo Escola (368h) e 3 etapas de Tempo Comunidade (120h). Desenvolveram-se atividades potencializadoras da práxis, os estudos da realidade e o colocar-se do sujeito histórico no mundo. Formaram-se 42 educadores(as) de 11 escolas do campo.

**Palavras-chave:** educação politécnica; formação de educadoras(es); trabalho.

#### **Contexto:**

Este trabalho apresenta a experiência do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu em Educação e Agroecologia*, realizado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz), com apoio da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da Fiocruz, em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto (EPAAEB). Delinearemos o território em que o curso se inseriu, a construção curricular, os trabalhos realizados e as novas perspectivas de ampliação da *práxis* agroecológica.

A EPAAEB, construída em 2006, se localiza no extremo sul da Bahia, território dominado por empresas multinacionais de celulose e por disputas territoriais pela apropriação privada da natureza, ocasionando o aprofundamento das



desigualdades sociais, a destruição ecológica e da saúde humana, com a expansão da monocultura do agronegócio e uso de agrotóxicos.

Nesse território há 52 escolas - 7 de Ensino Médio e as demais de Ensino Fundamental e Educação Infantil -, somando 305 educadores e quase 4 mil educandos em diferentes faixas etárias. Devido à importância destas escolas nos assentamentos e acampamentos, a inserção da temática da Agroecologia se converteu em eixo estratégico para a consolidação da *práxis* na região.

A fim de enfrentar a lógica hegemônica da questão ambiental, o curso se fundamentou a partir de cenários problemáticos relativos ao avanço do capital na Educação, visto que desde a década de 1990, enfrenta-se no contexto brasileiro um processo de privatização da Educação, iniciando-se pela Educação Superior nos governos neoliberais e espraiando-se, posteriormente, para outros níveis educacionais. Assim, após um processo de construção curricular coletiva, o curso foi realizado entre os anos de 2019-2020, com os seguintes objetivos:

- Formar profissionais da educação básica que atuam nas escolas do campo do extremo Sul da Bahia, a fim de aprofundar as bases teórico-metodológicas que fundamentam as práticas de educação e suas relações com o trabalho e a agroecologia;
- Contribuir para a consolidação do conhecimento e das práticas de agroecologia nas escolas do campo;
- Constituir espaços de estudo e reflexão sobre as relações entre Trabalho-Educação-Agroecologia sob a perspectiva de suas determinações e implicações históricas e pedagógicas;
- Potencializar uma ação docente crítico-emancipatória, em contraste com a racionalidade utilitarista instrumental.

Incidir sobre a formação dos educadores(as) é importante, visto que estes(as) desenvolvem o trabalho pedagógico abarcando distintas faixas etárias. Nesta atuação, podem trabalhar com seus educandos(as) os conhecimentos que os(as) ajudem a compreender a Agroecologia enquanto uma ciência popular, uma nova forma de se relacionar com a natureza e entre os seres humanos, entendendo que só há alimentos saudáveis com relações humanas que também sejam saudáveis e, a partir desta perspectiva, pode-se transformar a realidade dos assentamentos e acampamentos.

### **Descrição da Experiência**



Em 2018 foi realizada uma oficina de construção curricular com docentes e diretoras das escolas de Educação Básica do extremo sul da Bahia. Tal forma coletiva de pensar a formação é uma ação orgânica da EPSJV junto às instituições parceiras, visto que se compreende o currículo como um campo de conhecimento e um artefato cultural. A cada proposta curricular que se constrói, a partir de condições sempre concretas e específicas, explicita-se uma intencionalidade pedagógica que se expressa nos conteúdos a serem legitimados e veiculados, na metodologia desenvolvida, ou seja, na *práxis* pedagógica.

A perspectiva da politecnia, como princípio estruturante da EPSJV, orientou a formulação e a realização deste curso, possibilitando a concretização cotidiana da dimensão do trabalho como princípio educativo e promovendo a problematização acerca dos impactos da monocultura e do uso dos agrotóxicos para a terra e para a saúde humana.

A estrutura e funcionamento do curso se pautou na Pedagogia da Alternância, a partir dos fundamentos da Educação do Campo. O curso, com carga horária total de 488h, dividiu-se em 4 etapas de Tempo Escola (TE) – totalizando 368h – e 3 etapas de Tempo Comunidade (TC) – realizando-se atividades de campo e investigação (120h), potencializando-se, assim, a *práxis* agroecológica, os estudos de realidade e o colocar-se do sujeito histórico no mundo. Em ambos os Tempos foram realizados processos de ensino, pesquisa e práticas pedagógicas diversas.

Os componentes curriculares delineados foram: *Epistemologias e Historicidade da Ciência e da Agroecologia* visando discutir a construção da ciência e da agroecologia nas sociedades modernas. O segundo componente – *Fundamentos da Educação e do Trabalho Docente* – objetivou problematizar a relação Trabalho-Educação, as teorias e tendências pedagógicas e a prática docente nas escolas do campo. O terceiro componente – *A Práxis Docente e a Agroecologia* – discutiu os fundamentos e o planejamento da prática docente em Agroecologia: o processo de ensino aprendizagem, o planejamento educacional e as tecnologias educacionais. O quarto componente – *Processo Investigativo, Sistematização de Experiências e TCC* – debateu os pressupostos teórico-metodológicos do processo de produção do conhecimento e da sistematização da experiência na prática docente.

O TE, desenvolvido na EPAAEB, assegurou momentos para estudos individuais orientados para o foco de pesquisa, assim como grupos de estudo, com orientação coletiva das monografias e/ou para seminários sobre tópicos temáticos especiais, considerados necessários no processo de formação e não contemplados pelos demais componentes curriculares.



Nas três etapas de TC, os educandos(as) desenvolveram suas atividades de pesquisa e extensão, nas escolas, serviços de saúde, assentamentos e acampamentos dos quais são oriundos. Tais atividades deram a base para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ou seja, um estudo sobre a realidade sociohistórica do território e planejamento educacional para a Agroecologia, integrando dimensões teóricas e vivenciais. Os trabalhos foram elaborados, na sua maior parte, de maneira coletiva por grupos de até 4 discentes pertencentes ao mesmo território ou trabalhando na mesma escola. Devido à pandemia de Covid-19, as defesas dos trabalhos de conclusão foram realizadas virtualmente entre os meses de setembro e novembro de 2020 (EPSJV, 2020).

### **Metodologia**

Todos os módulos foram permeados por eixos problematizadores - método e pesquisa; relação entre capital e trabalho; Estado; Educação do Campo - assegurando-se que o TE se fizesse presente nas estratégias de Tempo Comunidade, constituindo-se como um espaço de diálogo e de aprofundamento teórico, permitindo ao conjunto de participantes extrair lições para a pesquisa e outras atividades de formação.

A avaliação, de cunho processual, se desenvolveu ao longo do curso, tomando como referência a experiência dos discentes-educadores(as) e suas trajetórias: avanços teórico-conceituais e sua aplicação prática, produções, participação individual e em grupo, dentre outros.

O curso se configurou como parte de um conjunto de iniciativas relevantes e pioneiras que disputam as possibilidades de viver de forma digna, saudável e em harmonia com a natureza em um cenário complexo e com intervenção do capital internacional (expansão da monocultura de eucalipto desde os anos 1980). A formação dos educadores(as) das escolas do campo, sujeitos de uma realidade conflituosa em que a hegemonia da produção agrícola convencional é disputada por um projeto agroecológico, torna-se dispositivo estratégico para construir formas de viver bem, de se relacionar com a natureza, produzir alimentos, trabalhar e ter saúde nesta região.

### **Resultados**

O curso formou 42 educadores(as) que atuam em 11 (onze) escolas do campo.

Os TCCs se constituíram como projetos de intervenção, pactuados com as comunidades escolares. Ao final do curso, foram elaborados 14 trabalhos com as temáticas: A implementação da disciplina de agroecologia na EMEF Eloi Ferreira: um novo caminho é possível?; Agroecologia na Escola do Campo



Margarida Alves: avanços e tensionamentos; A Agroecologia e os temas geradores na construção de um currículo interdisciplinar para a Escola Municipal do Campo de Ensino Fundamental II Marizete Santos; As experiências de manejo agroecológico do café no Pré-assentamento Egídio Brunetto e suas relações com as práticas pedagógicas na escola; Educação do Campo, Agroecologia e a proposta da construção do horto medicinal no Assentamento Quilombo II; Manejo agroecológico dos resíduos sólidos no Assentamento Bela Manhã: proposta de intervenção; Caminhos das águas do Assentamento Bela Vista: contribuições para o currículo em Agroecologia; Agroecologia e promoção da soberania alimentar: uma proposta de intervenção para o Colégio Estadual do Campo Oziel Alves Pereira; A Pedagogia do MST e a formação dos educadores da Escola Marizete Santos; Educação do Campo: relação entre Educação e Agroecologia - estudo de caso das experiências da Escola Municipal Paulo Freire; Projeto de vida: escolas Ojefferson Santos e Luana Carvalho; Sistema agroflorestal agroecológico na Escola Municipal Caminho da Esperança no Assentamento Milton Santos; A construção do projeto político pedagógico da Escola Municipal Estrela do Che como ferramenta de autonomia pedagógica; A construção de materiais pedagógicos sobre Agroecologia para a Educação Infantil. Está sendo organizada uma publicação com algumas dessas experiências com o fito de socializar o que tem sido construído.

Vislumbra-se ainda a possibilidade de nacionalizar o curso para onze escolas do campo, enraizadas em diversos biomas - o que propiciará a ampliação da troca de conhecimentos em torno da Agroecologia nas distintas realidades brasileiras.

O que observamos em todo esse processo é que a Agroecologia, considerada a partir dos fundamentos da politecnia, explicita a indissociabilidade entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, entre humanidade e natureza, constituindo-se como uma ciência que apresenta uma nova matriz tecnológica para o campo, embasada em práticas pautadas nos conhecimentos tradicionais produzidos pela agricultura camponesa.

A Agroecologia contribui na produção e reprodução da vida no campo de cunho emancipatório que fomenta o enfrentamento ao capital, na medida em que questiona a relação exploratória do capital sobre a natureza, tendo a visão fetichizada de que o ser humano domina a natureza e não se constitui como parte intrínseca a esta. Contra essa concepção de produção, a forma camponesa de produzir agroecologicamente se pauta na biodiversidade e no respeito às “formas de autorrenovação das forças naturais e sociais de produção” (CALDART; FRIGOTTO, 2021, p. 372), compreendendo que o equilíbrio entre tais forças exige a criação de outras matrizes teórico-científicas.



Diante do exposto, as escolas do campo se convertem em espaços estratégicos de formação da classe trabalhadora campesina, pois a partir do desenvolvimento de seus projetos político-pedagógicos podem buscar efetivar cotidianamente a articulação entre trabalho e educação, educação e culturas camponesas, a vinculação entre os processos produtivos e a ciência que os produz, contribuindo para o desenvolvimento humano emancipatório, construtor de novas relações sociais ecossocialistas.

#### **Referências Bibliográficas:**

CALDART, Roseli e FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Politécnica e Agroecologia. In: DIAS, Alexandre Pessoa, et. all. (orgs.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2021, pp. 368-375.

EPSJV. **Relatório Final – Curso de Especialização em Educação e Agroecologia**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/relatorios-tecnicos>; 09 de julho de 2023, às 19:04.